

Stadium

N.º 151 * 14 DE NOVEMBRO DE 1945 * PREÇO 1860



Uma atitude de Arredo, nos belizes, que
realizam a ser a melhor guardadora particular!
Nem renhendo, sendo o preço, Arredo para,
nem mais harmoniosa, e a bola não sabe. É a
fórmula com orelha!

Narrativas sobre Eusébio na hora da sua morte

Narratives about Eusébio at the time of his death

https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_5

Resumo

Eusébio morreu! Nos dias que se seguiram à sua morte os comentários e reações sucederam-se a um ritmo tão contagiante como foi o seu futebol. A comunicação social quase que em exclusivo produziu conteúdos sobre o tema. Recuperaram-se imagens do jogador, apresentaram-se testemunhos de diversas figuras públicas, na maioria ex-colegas, jogadores no ativo, políticos, artistas e muitas pessoas anónimas que expressavam a sua emoção. Considerando o excepcional desempenho futebolístico pelo SL Benfica e pela Seleção Nacional, que o converteu num herói desportivo, não é surpresa a comoção que a sua morte suscitou. Contudo, este é um herói inusitado: africano negro, nascido numa sociedade colonial e discriminatória, chega a Lisboa e converte-se numa das mais populares figuras da sociedade portuguesa num período de guerra colonial. E esta condição de herói mantém uma perenidade que se estende até à hora da sua morte. As mensagens de condolências entretanto produzidas também fazem a exaltação do jogador, das suas qualidades humanas e desportivas, da sua importância social, da sua portugalidade e dimensão mundial. Este texto identifica, através dessas mensagens

de condolências, pronunciadas quando da morte de Eusébio, as representações que sobre ele foram produzidas, tomando como hipótese que, no momento da sua morte, as mensagens de pesar reproduziram as narrativas que sobre o jogador foram produzidas ao longo dos anos, como se tivesse havido uma cristalização da sua representação simbólica desde os anos 60.

Palavras-chave: Eusébio, herói, narrativa, biografia, futebol.

Abstract

Eusébio has died! In the days following his death, the pace of comments and reactions was as catching as his football. The media almost exclusively aired comments about it, going back to old pictures of the player, with public figures coming forward to voice their opinion about Eusébio, mostly former team mates, active players, politicians, artists, and many nameless people wanting to voice their emotions. Due to his exceptional football skills while playing for SL Benfica and the Portuguese football team that made him a sports hero, the shock caused by his death hardly comes as a surprise. However, he was an unusual hero: a black African born in a colonial

and discriminating society arrives in Lisbon and becomes one of the most popular figures in Portuguese society during the colonial war period. He was regarded a hero until he died. All the messages of condolences also praised the player, his human and sports qualities, his social standing, his “Portugueseness” and world dimension. This paper uses these messages of condolences sent when Eusébio died to identify the representations made of the man, assuming that at the time of his death these messages of grief reproduced the narratives made of the player over the years, as if his symbolic representation had crystallised since the 1960s.

Keywords: Eusébio, hero, narrative, biography, football

Introdução

Eusébio da Silva Ferreira morreu na madrugada de 5 de janeiro de 2014. Tinha 71 anos e o prestígio de ser considerado um dos melhores futebolistas de todos os tempos em Portugal e no mundo.¹ O último jogo oficial em que participou ocorrera 34 anos antes, na longínqua época de 1979/80, ao serviço dos Buffalo Stallions na liga *indoor* do *soccer* norte-americano. A sua glória fora gerada anos antes, a partir de dezembro de 1960, quando, proveniente do Sporting de Lourenço Marques, ingressou no Sport Lisboa e Benfica e, passados alguns meses, se tornou internacional pela Seleção Portuguesa. Por entre fintas, remates, golos e muitos títulos, se foi tecendo a vida desportiva de Eusébio. Depois de deixar de jogar, permaneceu no clube e na seleção, como se de um embaixador do futebol português se tratasse.

Nesse dia 5, com pesar, as rádios e canais televisivos começaram cedo a noticiar a morte de Eusébio. Colocaram no ar imagens do jogador, apresentaram testemunhos de diversas figuras públicas, na sua grande maioria ex-colegas, jogadores no ativo, políticos, artistas e muitas pessoas anónimas que expressavam a sua emoção. O tempo de antena prolongou-se depois com diretos junto à estátua de Eusébio no Estádio da Luz. Assistiu-se à chegada do corpo, ao velório e à fila de pessoas que lhe quiseram prestar a última homenagem. No dia seguinte, transmitiu-se o cortejo fúnebre pelo Estádio da Luz e, posteriormente, pelas ruas de Lisboa, e finalmente o enterro no cemitério do Lumiar.

Para uma personalidade que em vida foi das mais mediatizadas do País, que nos seus tempos áureos de jogador foi uma “pop star”, não se estranha que, na morte, Eusébio tenha gerado imensa consternação. O que causa perplexidade é a perenidade de Eusébio na sociedade portuguesa (Santos, 2004, p. 81). Os futebolistas, mesmo quando ascendem à categoria de heróis desportivos, têm uma existência efémera, ou seja, sofrem um processo de erosão na sua heroicidade pela contingência dos resultados ou

pela concorrência de outros aspirantes a heróis. Processo irreversível a partir do momento em que abandonam o futebol. Ainda que ressuscitem como treinadores ou comentadores desportivos, a sua áurea heroica desvanecesse irremediavelmente (Gammon, 2014, p. 249). Com Eusébio esse processo não sucedeu. Sendo a sua existência transversal a diversas gerações, regimes políticos e contextos culturais, o jogador manteve íntegra a sua condição de herói desportivo desde os anos 60. Também não deixa de ser paradoxal que este herói, sendo um africano negro, tenha ganhado consistência num país em guerra com as suas colónias africanas, na vigência de um regime racista e de uma sociedade fechada sobre si mesma.

Os conteúdos noticiosos do falecimento de Eusébio, produzidos nesses dias pelas agências noticiosas e órgãos de comunicação social encarregaram-se de recordar essa dimensão heroica através da apologia dos seus feitos desportivos, recorrendo aos velhos apelidos de “Rei” e “Pantera Negra” e à sua condição de “Imortal” e “Eterno”. As mensagens de pesar entretanto produzidas também fazem a exaltação do jogador, das suas qualidades humanas e

¹ Segundo a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol, Eusébio foi o nono melhor futebolista do século XX [url: <https://iffhs.de/iffhs-history-te-worlds-best-player-of-the-century-1900-2000/>, consulta 6 de dezembro de 2017]. De acordo com o voto online de adeptos, Eusébio foi o terceiro melhor jogador do século XX [url: <https://www.revolvy.com/page/FIFA-Player-of-the-Century>, consulta 18 dezembro de 2017].

desportivas, da sua importância social, da sua portugalidade e dimensão mundial. À margem da consternação, qual o sentido latente dessas mensagens e de que forma contribuem para explicar a consistência heroica de Eusébio e a sua permanência na sociedade portuguesa?

Este texto² propõe-se perceber, através das mensagens de condolências pronunciadas na sequência da morte de Eusébio, as representações que sobre ele foram produzidas. Toma-se como hipótese argumentativa que, no momento da sua morte, as mensagens de pesar reproduziram as narrativas que sobre ele foram produzidas ao longo dos anos, essencialmente nas décadas de 60 e 70, os anos da sua glória, como se tivesse havido uma cristalização da sua representação simbólica. E que, nessa representação, se reflete também a memória do seu tempo político e social e uma ideia fantasiosa do império português. O texto está estruturado em duas partes: na primeira, reflete-se sobre a narrativa biográfica de Eusébio que o

edifica e sustenta como herói; na segunda, mostra-se como, através das mensagens de condolências proferidas quando da sua morte, há uma reprodução dessa narrativa.

A narrativa inusitada do herói desportivo

Para se ser herói desportivo, herói futebolístico no caso de Eusébio, não basta correr, fazer fintas, marcar muitos golos e ganhar troféus. Muitos outros o fizeram também e não adquiriram essa dimensão de heroicidade. A outros, ainda que sem grande desempenho desportivo, é-lhes atribuído esse estatuto (Allen, 2013, p. 585). Esta heterogeneidade de desempenhos heroicos resulta do facto de os heróis desportivos não subsistirem apenas por si, necessitando do reconhecimento de quem os eleve a esse estatuto. Esse processo sucede quando há uma simbiose entre a atuação individual e a representação coletiva, na elaboração idealização de um “tempo glorioso” acima da mediocridade dos dias comuns (Archetti, 2001: 153). Esse reconhecimento é feito através dos discursos mediáticos produtores de uma narrativa que confere sentido e consis-

tência ao herói, isto porque, “sem narrativa não há heróis” (Reis, 2013, p. 64).

A narrativa produzida em torno de Eusébio é relativamente fácil de ser contada. O jornal *Expresso*, no fim-de-semana após o falecimento do jogador, sumariava a sua vida de forma simples.

*Era uma vez a história de um miúdo pobre e humilde, nascido num bairro também pobre e humilde de Moçambique, e que aterrou um Lisboa numa noite fria de Dezembro de 1960 para enriquecer e aquecer um país e um clube.*³

Como se de ficção se tratasse, a nota biografia de Eusébio é reduzida às origens humildes no bairro de Mafalala, nos subúrbios de Lourenço Marques. Anos depois, a chegada a Lisboa para ingressar no SL Benfica e converter-se no maior jogador da sua história. Meses mais tarde, tornar-se internacional pela Seleção Portuguesa de Futebol, sendo o protagonista mais relevante da primeira época dourada do futebol nacional (Coelho e Pinheiro, 2002). Essa narrativa, balizada por etapas, materializou-se em

² Produzido no âmbito do projeto de pós-doutoramento realizado na área das migrações de trabalho desportivo, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref. SFRH/BPD/95320/2013).

³ *Expresso*, 11 de janeiro de 2014.

1966 com a publicação do livro *Meu nome é Eusébio. Autobiografia do maior futebolista do mundo*,⁴ em que, a partir de pretensas falas do jogador, num discurso direto, é contada a sua história. Como o próprio afirma à revista *Flama*,

*no livro revelo tudo [...]. Os anos das dificuldades, quando vivia com a minha mãe e os meus irmãos em Lourenço Marques. Os anos da bola de trapos e dos 'timinhos' da escola, finalmente a minha ascensão a profissional e a vinda para a Metrópole.*⁵

Essa autobiografia vai constituir-se como modelo para todas as narrativas biográficas que se lhe sucederam. O filme/documentário *Eusébio – A pantera negra*, realizado pelo espanhol Juan de Orduña, em 1973, é disso exemplo, contando a vida do jogador desde a infância em Moçambique até à consagração.⁶ O

mesmo relato é feito em 1992 num álbum de banda desenhada, da autoria de Eugénio da Silva, intitulado *Eusébio, Pantera Negra*. Os elementos narrativos desta história encantada, ainda que com variações, são sempre os mesmos: o menino pobre do bairro de Mafalala; o jovem jogador que chega a Lisboa assediado por clubes que o disputam; a sua opção pelo Benfica como se de uma opção moral se tratasse; o jovem africano que se revela o maior de todos os jogadores; a personalidade simples não subvertida pela glória; a sua permanência no Benfica; as lágrimas pela seleção; as múltiplas operações ao joelho; a emigração para o *soccer* norte-americano. Repetidos à exaustão, estes episódios, “produto de uma memória que se atualiza para, eventualmente, ganhar nova significação” (Santos, 2004, p. 86), continuam a constituir argumento em obras recentes sobre o jogador.⁷

recriações. Tem a particularidade de contar com as participações de Eusébio e da sua mulher, Flora, a protagonizarem a sua própria história.

7 O filme de 2016, *Eusébio – A História de Uma Lenda*, de Filipe Ascensão é disso exemplo. “Ruth”, de 2018, com argumento de Leonor Pinhão e realizado por António Pinhão Botelho, é ligeiramente diferente, procurando através do episódio da chegada

O consenso em torno desta narrativa é acrítico. Realça o mérito de alguém que, tendo nascido pobre, consegue tornar-se um futebolista importante, símbolo maior de um país. No entanto, escamoteia o facto de, tendo nascido pobre, nasceu também negro, num bairro dos subúrbios de uma cidade colonizada, numa sociedade discriminatória, assente legalmente na diferenciação entre “civilizados e “indígenas” (Menezes, 2010, p. 70). Nesse contexto, seria de supor que a condição de africano negro não permitisse a Eusébio qualquer veleidade de emancipação, e por isso constitui-se como um herói inusitado. Como disse Eduardo Galeano (2002, p. 139), Eusébio “nasceu destinado a engraxar sapatos, vender amendoins ou roubar dos distraídos (...). Chegou aos gramados das canchas correndo como só pode correr alguém que foge da polícia ou da miséria que morde os calcanhares”. E foi isso que sucedeu: Eusébio começou a jogar futebol primeiro numa equipa informal de Mafalala, “Os Brasileiros”; passou depois para o Sporting de Lourenço Marques, clube de colonos

de Eusébio a Portugal retratar a sociedade portuguesa e o regime político de então.

4 A autoria do livro é assumida por Eusébio, mas terá sido Fernando F. Garcia que o prefaciou e recolheu a narrativa, quem o escreveu. O livro seria publicado no ano seguinte em língua inglesa e alemã.

5 *Flama*, 28 de outubro de 1966.

6 Filme rodado entre outubro de 1971 e agosto de 1972, conjuga imagens de arquivo com

do centro da cidade; transfere-se para o Sport Lisboa e Benfica, clube da metrópole, e vem depois a representar a seleção portuguesa. Cada uma destas transferências, mais do que mudanças de equipas de futebol, significaram a transposição de sucessivas “linhas abissais”,⁸ inicialmente entre “indígena” e “assimilado”,⁹ depois entre colónia e metrópole, e entre a metrópole e a universalização resultante do reconhe-

cimento internacional. Ainda que com intensidades distintas, e a mais radical foi a sua vinda para Portugal, cada uma destas transposições significou uma rutura biográfica num destino previamente determinado.

Antes de Eusébio já outros jogadores haviam experimentado este mesmo percurso inusitado. Mário Wilson, Matateu, Vicente, Mário Coluna e Hilário fizeram o mesmo caminho das periferias coloniais à capital do império, sendo sujeitos a um processo de naturalização quando utilizados na seleção portuguesa. Nem tão pouco esta foi uma especificidade portuguesa, pois a França já desenvolvia processo idêntico desde os anos 20, o mesmo se verificando com a Bélgica por relação à sua colónia congolesa (Lanfranchi e Taylor, 2001, p. 48). Contudo, o estatuto alcançado por Eusébio é incomparável a qualquer outro jogador até então proveniente das colónias. Esse carácter distintivo resulta de forma imediata do seu desempenho com futebolista, e de forma indireta da narrativa ideológica espaço/temporal em que esse desempenho decorre.

Eusébio chega a Lisboa em dezembro de 1960. Essa temporalidade não é inocente, pois como refere Eduardo

Lourenço, “o génio está isolado pelo seu tempo”,¹⁰ sendo produto das circunstâncias espaciais e temporais em que acontece. Três meses depois inicia-se a guerra colonial. Portugal, entretanto contestado internacionalmente pela manutenção das suas colónias, recorre aos argumentos do luso-tropicalismo para justificar a presença em África (Castelo, 2015, p. 456). Negando qualquer discriminação ou sentimento de superioridade racial, o discurso oficial realça a plasticidade intrínseca dos portugueses em se relacionarem com os povos tropicais e, por isso, se afirmavam os territórios africanos como províncias ultramarinas de uma nação multirracial e pluricontinental. Neste âmbito, Eusébio era um exemplo maior desse propalado multirracismo. Não estranha, pois, que logo em 1962 Salazar tenha afirmado que Eusébio era “património de Estado”,¹¹ havendo como que uma apropriação oficial da imagem do jogador. As imagens icónicas que sobre ele são produzidas, em

8 Estas *linhas abissais* são a *linha radical* de que fala Boaventura de Sousa Santos. Linha que divide a realidade em dois universos distintos: o “lado de cá” e o “lado de lá”. “Deste lado” está a ordem, o controle, a estabilidade, a racionalidade, a liberdade e a democracia; “do outro lado” nada existe, há apenas um espaço de abandono, caótico, violento e irracional. “A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (Santos, 2007, p. 3-4).

9 Distinção resultante do *Estatuto dos Indígenas*, aprovado em 1954, que dividia a população nativa em duas categorias: “indígenas” eram os autóctones das colónias, os quais se encontravam num estado primitivo, carente de uma ação civilizadora; “assimilados” eram todos aqueles que sujeitos a essa ação, em teoria, adquiriam competências linguísticas, comportamentais, religiosas, profissionais, económicas e familiares, em conformidade com os padrões europeus, sendo-lhes administrativamente reconhecidos alguns direitos.

10 Texto publicado na revista *Visão*, em 1991, p. 91.

11 Não é certo que tenha sido esta a designação elogiosa de Salazar, podendo também ter sido “património nacional”. A este propósito ver Santos, 2004.

particular as fotografias com a camisola da seleção portuguesa no Mundial de 1966, bem como a narração da sua vida quotidiana nas páginas da comunicação social exprimem o ideal de lealdade patriótica que Eusébio parece incorporar (Carvalheiro, 2011, p. 236). É neste contexto que a narrativa da heroicidade de Eusébio é elaborada, a de um menino pobre que numa noite de dezembro aterrou em Lisboa para “aquecer um país”.

O herói na hora da sua morte

Na madrugada do dia 5 de janeiro, a comunicação social e as redes sociais online difundiram rapidamente a notícia da morte de Eusébio. Numa consternação generalizada, as manifestações de pesar e saudosismo começaram de imediato. Todas as pessoas que se pronunciaram foram unânimes na exaltação da grandeza desportiva, na dimensão humana e na importância que Eusébio teve para Portugal. Os que com ele conviveram contaram episódios de quando jogaram juntos, dos seus encontros, das suas vivências; os que dele estavam afastados relataram as suas lembranças de jogadas e golos; os que nunca o viram jogar lamentavam a situação.

Em permanência, a comunicação social deu conta das homenagens populares, das exéquias no Estádio da Luz, do cortejo fúnebre pelas ruas de Lisboa e do enterro onde, sob chuva intensa, se cantaram hinos e gritaram palavras de glória a Eusébio. As capas dos jornais, no dia a seguir, davam conta da comoção generalizada no último adeus. Sob a imagem comum do caixão transportado em ombros pelo relvado do Estádio da Luz, *A Bola* escreveu “E o céu chorou”, o *Record* dizia “Dia do Rei, Portugal despediu-se de Eusébio”, e *O Jogo* assinalava “A última vénia”.

A morte de Eusébio, nos dois dias que se lhe sucederam, gerou um volume de 24.857 conteúdos noticiosos online.¹² Destes, 5.293 foram publicados em Portugal e os restantes em outros 116 países. Reino Unido com 1990 notícias, Espanha com 1880, Alemanha com 1377, Itália com 1252, França com 1019 e o Brasil com 987, foram os que mais conteúdos geraram. Em Moçambique, país de nascimento do jogador, foram assinadas 22 notícias.

Considerando a expressiva comoção popular pela morte de Eusébio, a pre-

sença dos mais altos representados do Estado no funeral, bem como o volume de notícias gerado, não restam dúvidas da permanência do estatuto de Eusébio na sociedade portuguesa. Contudo, considerando as profundas transições políticas, económicas e sociais pelas quais a sociedade portuguesa passou, bastante distintas do contexto em que Eusébio se tornou herói nacional, levanta-se a questão de identificar em que pressupostos se fundamenta a manutenção desse estatuto. Assumindo que as mensagens fúnebres expressam de forma manifesta ou latente um entendimento formal e emocional de quem foi Eusébio, procurou-se, pela análise de conteúdo de 100 mensagens de condolências, encontrar resposta para a perenidade de Eusébio na sociedade portuguesa.

Essas 100 mensagens, recolhidas nos dias subsequentes à morte de Eusébio, tiveram duas origens. Uma primeira foi a comunicação social, nomeadamente os jornais *Público*, *Expresso*, *A Bola*, *O Jogo* e o *Record*, e websites de canais televisivos e radiofónicos,¹³ os quais, para

¹² In *Jornal I* de 7 de janeiro de 2014.

¹³ Estes websites surgem da sequência da procura online, no motor de busca *Google*, de informação relativa ao tema do falecimento do jogador.

além de publicarem diversas manifestações de pesar, reproduziram as declarações de condolências proferidas por inúmeras figuras públicas. O outro grupo de fontes foram os comunicados oficiais ou votos de pesar formais proferidos por entidades e personalidades institucionais. Assim, as mensagens recolhidas são de diversos tipos: comunicados oficiais por parte de órgãos de Estado, organismos públicos, partidos políticos e clubes desportivos; outras são pequenos textos de opinião publicados por personalidades públicas na comunicação social; a maioria são comunicações proferidas por individualidades diversas quando solicitadas pela comunicação social; e ainda, pequenas mensagens, publicadas nas redes sociais por atuais e ex-futebolistas, e reproduzidas na comunicação social. Apesar dessas mensagens serem essencialmente proferidas por entidades ou personalidades portuguesas, há outras que são de origem estrangeira.

Importa referir que, dada a impossibilidade de apresentar todas as mensagens na íntegra, apenas se assinalam as consideradas mais significativas, e mesmo estas são-no de forma parcial. Estas mensagens foram tratadas através de uma metodologia qualitativa de análise

de conteúdo, privilegiando os elementos discursivos e sentidos subjacentes aos mesmos, permitindo a categorização das mensagens em função do seu conteúdo. Importa salientar o facto de as categorias terem sido elaboradas em função das mensagens de pesar, e não conceptualizadas previamente. Assim, foram identificadas cinco categorias: *personalidade; atividade desportiva; símbolo nacional; condição colonial; africanidade*. Como se subentende pelas designações, a primeira categoria remete para os traços de personalidade do jogador; a segunda para o seu desempenho enquanto futebolistas; a terceira para o que isso representou para o País; a quarta para o contexto social e político em que Eusébio atuou; e a quinta e última categoria remete para as origens africanas do jogador, sendo que a conjugação destas mensagens permite uma imagem nítida do mesmo enquanto herói desportivo.

a) Referência à personalidade

Diz um provérbio português que “bom serás se morto estás”. Na morte, Eusébio também não fugiu a esse dito popular. O tema dominante das condolências foi a referência aos traços positivos da sua personalidade. As origens

modestas irão constituir-se como base de uma personalidade simples, humilde, simpática, solidária, boa, afável, excepcional, grande e talentosa. Estes foram os adjetivos mais vezes utilizados para caracterizar a personalidade de Eusébio, repetidos de forma transversal em quase todas as manifestações de consternação.

Eusébio da Silva Ferreira ganhou a eternidade. Deixou-nos a marca de um talento sem par, a memória da simplicidade e da humildade própria dos grandes homens e o estímulo do seu exemplo (Assembleia da República).¹⁴

Homem afável e amável, determinado pela circunstância da sua inteira e intacta até ontem, simplicidade. A mesma de quando ele aterrou em Lisboa, vindo do mais belo lugar do desaparecido Império e começou a tocar na bola como nunca víramos. Mas não é senão essa circunstância que fez a sua espantosa diferença: o

¹⁴ Voto de pesar da Assembleia da República, subscrito por todos os partidos com assento parlamentar em 6 de janeiro de 2014. [url: http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3252686347786c62693932623352766331395953556b764d545934583168_4a53533577_5a47593d&fich=168_XII.pdf&Inline=true, consulta 22 de maio de 2015].

dono do génio não era contaminável pela poção tóxica da glória mesmo que quase só tivesse havido glórias. O mito não era corrompível, mesmo quando mundialmente mitificado. E porque era simples, acreditava (Maria João Avilez, escritora e jornalista).¹⁵

O grande exemplo de Eusébio é o exemplo de simplicidade e simpatia de alguém que, tendo granjeado a fama que granjeou, nunca perdeu a capacidade de ser simples e de falar e tratar todos de igual maneira. É um exemplo para todos e para todas as gerações (Luís Marques Guedes, Ministro da Presidência e Assuntos Parlamentares, com a tutela da pasta do desporto).¹⁶

A simplicidade de Eusébio vai de par com o facto de ter resistido às tentações do mediatismo e da fama. Um indivíduo que nada tinha e que de repente passa a tudo ter, não caindo no deslumbramen-

to da idolatria, conservando-se humilde, mantendo uma vida familiar comum à de outros cidadãos, é interpretado como uma qualidade que o converte num exemplo. Estas afirmações são em tudo semelhantes à imagem que, nos anos 60, a imprensa, e em particular a revista *Flama*, passaram do Eusébio, nomeadamente quando da prestação do serviço militar, do casamento, do nascimento das filhas, da vida em família. Um homem exemplar, a servir de modelo a todos os outros.

Foi um grande futebolista, uma pessoa bem formada e fiquei sempre com a ideia de que era um homem muito modesto e muito simpático (...). Era um homem bom, um homem agradável, com pouca cultura. Evidentemente, não se estava à espera que fosse um pensador, estava-se à espera que fosse um grande homem do futebol, o que foi (Mário Soares, ex-Presidente da República).¹⁷

As declarações de Mário Soares sobre Eusébio viriam a revelar-se polémicas.

Num consenso generalizado sobre a humildade e bondade de Eusébio, Mário Soares assinala aspetos menos positivos, como seja a sua “pouca cultura” ou o gosto que teria por whisky, o que suscitou uma indignação popular, em particular nas redes sociais, com acusações de insensibilidade para com a situação, e entre outras, o facto de Mário Soares ter sido um dos protagonistas do processo de descolonização, o que o deslegitimaria para se pronunciar sobre o jogador.

b) Pseudónimos da atividade desportiva

Ao longo da década de 60, o futebol português conhece finalmente o êxito internacional, ao nível de clubes e da Seleção Nacional. Primeiro, por intermédio do SL Benfica que vence a Taça dos Campeões Europeus em 1961 e 1962, participando ainda em mais três finais da mesma competição, em 1963, 1965 e 1966. Em segundo, pela vitória do Sporting CP na Taça das Taças, em 1964. E depois, pelo sucesso da Seleção Nacional que se qualificou para a fase final do Campeonato do Mundo de Inglaterra, em 1966, tendo alcançado um inesperado terceiro lugar. O sucesso deste período deve-se à conjugação de

¹⁵ *Público*, 7 de janeiro de 2014

¹⁶ Declaração à Rádio Renascença, em 5 de janeiro de 2014 [url http://rr.sapo.pt/bola-branca_detalle.aspx?fid=42&did=134582, consulta 23 de maio de 2015].

¹⁷ Declarações proferidas à RTP, no dia 5 de janeiro de 2014 [url: <https://www.youtube.com/watch?v=w0B81MeDC-o>, consulta em 15 de maio de 2015].

várias circunstâncias: a profissionalização do futebol nacional; a construção de infraestruturas desportivas; contratação de treinadores estrangeiros; intensificação no recrutamento de jogadores africanos. Eusébio foi o maior protagonista desta era dourado do futebol nacional. O currículo pessoal e coletivo é ilustrativo dessa relevância: onze vezes campeão nacional, cinco Taças de Portugal, uma Taça dos Campeões Europeus, um campeonato americano. Seria numa ocasião Bola de Ouro (melhor jogador europeu do ano), e por duas vezes “vice” Bola de Ouro. Ganhou duas Botas de Ouro, troféu atribuído ao melhor marcador de campeonatos na Europa, e sete Botas de Prata por ser o melhor marcador do Campeonato Nacional. Foi três vezes o melhor marcador da Taça dos Campeões Europeus. Foi o melhor marcador do Campeonato do Mundo de 1966. Por isso, muitas das manifestações de pesar recordaram essa dimensão gloriosa do jogador.

Há muitos príncipes no futebol, mas reis há poucos, Eusébio é rei (Toni, ex-jogador do SL Benfica).¹⁸

¹⁸ Esta citação, juntamente com as duas seguintes, é do jornal *A Bola*, de 6 de janeiro de 2014.

Descansa em paz, King” (Nuno Gomes, ex-jogador do SL Benfica).

The King! Grande perda para todos nós! O mais grande! (Luís Figo, ex-futebolista internacional português, considerado o melhor do mundo em 2001).

Perdeu-se o melhor jogador que vi, de todos os tempos (...). Foi o melhor do mundo. (Fernando Chalana, ex-jogador do SL Benfica e da seleção nacional).

Sempre eterno Eusébio, descansa em paz (Cristiano Ronaldo, na altura jogador do Real Madrid e seleção nacional).

“King”, “Pantera Negra”, “Rei dos Magriços” foram alguns dos cognomes atribuídos. Todos os jogadores que com ele conviveram, ou que com ele compartilharam o gosto pelo futebol, ao invocarem esses epítetos, estão a atribuir-lhe o trono do futebol nacional, reconhecendo-o como o melhor

jogador português de todos os tempos. Revela-se interessante que Cristiano Ronaldo, o jogador português com mais títulos pessoais a nível internacional, e um dos que a nível mundial foi mais vezes laureado com o título de melhor do mundo, não tenha condescendido nessa entronização de Eusébio, atribuindo-lhe sim a “eternidade”, mas não lhe reconhecendo o estatuto de “rei” ou de “o melhor”, como se estivesse a reservar essa dimensão para si próprio.

Também o Sporting CP e o FC Porto, ancestrais rivais do SL Benfica, onde Eusébio fez quase toda a sua carreira de futebolista, emitiram lacónicos comunicados de pesar, fazendo questão de assinalar que Eusébio não foi o *king*, mas “um”, entre outros dos maiores símbolos do futebol e/ou do desporto português.

(...) um dos símbolos do desporto nacional” (comunicado do Sporting CP).¹⁹

¹⁹ Esta citação, juntamente com a seguinte, está no jornal *A Bola* do dia 6 de janeiro de 2014.

(...) um dos maiores símbolos da modalidade. O maior jogador português da sua geração (comunicado do FC Porto).

O reconhecimento da dimensão desportiva de Eusébio aconteceu também pelas instâncias desportivas nacionais, bem como por outras entidades extradesportivas.

O exemplo do Eusébio perdurará para sempre. Será o grande obreiro da nossa Seleção e do Benfica, no período em que foi jogador. Foi ele que colocou o futebol português no panorama mundial e felizmente temos conseguido mantê-lo assim. O Eusébio marca esta viragem na visibilidade que Portugal ganhou, personifica aquilo que somos hoje. (Mário Figueiredo, presidente da Liga Portuguesa de Futebol).²⁰
Foi um símbolo maior do desporto nacional, reconhecido em todo o mundo pelo seu percurso no clube que representou – o Sport Lisboa e Benfica – e na selecção nacional

(Jerónimo de Sousa, secretário-geral do Partido Comunista Português).

Nestas mensagens está explícito a consequência do desempenho superlativo do jogador, permitindo que o desporto nacional, e em particular o futebol, se emancipassem da sua condição pouco relevante e se transformassem em entidades consideradas internacionalmente. Estas mensagens remetem para o papel relevante que Eusébio teve nesse processo, sendo estes os factos que mais contribuíram para conferir consistência heroica ao jogador.

c) Símbolo nacional

Ao segundo jogo pela seleção portuguesa, em Wembley, um jornalista britânico alcunhou Eusébio de *Pantera Negra*. Nesse jogo, dos onze jogadores nacionais, apenas dois tinham nascido em Portugal. Havia um jogador brasileiro, e todos os outros eram naturais de África. Esta era a imagem ideal para sustentar a retórica do Estado Novo: a de um país grande, ultramarino, plural e multirracial. Eusébio era, de todos esses jogadores, aquele que pelo desempenho futebolístico e pela sua vida pessoal, melhor encarnava o ideal da assimilação,

aquele que melhor representava a seleção nacional e o país. Por isso, quando morre, essa dimensão simbólica é uma das características mais invocadas.

Eusébio levou a bandeira de Portugal e o nosso orgulho aos quatro cantos do mundo. (Pedro Passos Coelho, Primeiro Ministro)²¹

Para Portugal e para os Portugueses Eusébio é muito mais do que um jogador de futebol. É símbolo nacional, é símbolo agregador da nossa memória coletiva. Eusébio foi, Eusébio é embaixador de Portugal; um dos grandes da nação: irrepetível, marcante, incontornável (Assembleia da República).²²

Pelo reconhecimento internacional, pelo estatuto de figura pública,

²¹ Público, 6 de janeiro de 2014.

²² Voto de pesar pela Assembleia da República Subscrito por todos os partidos com assento parlamentar em 6 de janeiro de 2014. Website do Parlamento [url: http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3252686347786c62693932623352766331395953556b764d5459345831684a535335775a47593d&fich=168_XII.pdf&Inline=true, consulta 22 de maio de 2015].

²⁰ *A Bola*, 5 de janeiro de 2014 [url: <https://www.abola.pt/nnh/ver.aspx?id=451477>, consulta em 6 de janeiro de 2014].

pelo facto de ter um espaço especial nos afetos dos portugueses, invoca-se a capacidade de representar os portugueses e o país. Não se refere agora a extensão do Portugal ultramarino, mas sim a larga comunidade portuguesa em diáspora, e a forma como a figura de Eusébio constituiu um elo de ligação dessas pessoas ao território nacional.

Um elemento de ligação grande entre a comunidade portuguesa, entre os 10 milhões de portugueses que vivem em Portugal e os cinco milhões de portugueses que vivem no estrangeiro. Se há figuras que conseguem ser um elo de ligação entre toda esta comunidade, Eusébio é, seguramente, uma delas. É também por isso um vulto que contribui para que mantenhamos viva a nossa identidade e a nossa língua, é uma inspiração para os nossos jovens, que veem nele um exemplo a seguir, e é, naturalmente, uma inspiração para todo o País, para acreditarmos que temos capacidade, em qualquer domínio, quando sabemos fazer as coisas bem, para estar nos melhores de

entre os melhores. (Luís Montenegro, deputado do PSD).²³

As mensagens desta categoria surgem como consequência das anteriores mensagens. Na simbiose entre desporto e nação, os triunfos conseguidos por Eusébio para o futebol português são também vitórias simbólicas dos portugueses e de Portugal, permitindo que o país não apenas surja internacionalmente, mas que o faça de forma honrosa. E por isso Eusébio é “símbolo” de Portugal e dos portugueses. Símbolo cuja imagem foi apropriada ideologicamente para veicular uma ideia de Portugalidade.

d) A referência às circunstâncias políticas

O tempo glorioso de Eusébio foi o tempo da guerra colonial, do colonialismo português tardio, do Estado Novo, da Primavera Marcelina, do 25 de Abril de 1974 e da revolução. Um

tempo amplo que medeia entre 1961, ano em começou a jogar pelo SL Benfica, e 1975, ano em que vai para a América do Norte. Vindo de Moçambique, Eusébio foi produto e consequência de todas as circunstâncias políticas, sociais, económicas e culturais que determinaram a dinâmica da sociedade portuguesa. Apesar da sua recusa em se envolver politicamente, Eusébio foi sendo apropriado pelo Estado e utilizado para veicular uma imagem unificada do império, e um ideal de integração. Esta dimensão política, juntamente com a condição de africano assimilado, são mitigadas nas mensagens de pesar, sendo apenas assinaladas por políticos que valorizam o papel do jogador no contexto adverso do Estado Novo.

Eusébio, natural de Moçambique, tornou-se uma referência universal de Portugal e da Lusofonia. Nos tempos trágicos da ditadura, que conduziu uma guerra colonial, racista, Eusébio emergiu como um símbolo de identidade popular e nacional que se manteve intocável até aos nossos dias (Alberto Martins, deputado do PS).

²³ Sessão plenária da Assembleia da República, realizada em 10 de janeiro de 2014 [url: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/01/12/03/035/2014-01-10/42?pgs=38-43&org=PLC&plcdf=true>, consulta em 6 de junho de 2015]. As citações que se seguem têm a mesma fonte desta nota de rodapé.

Foi no Mundial de 1966, à medida que os adversários se rendiam às suas fintas e ficavam para trás nas suas acelerações, que o mundo também se rendeu a Eusébio e que ele mostrou como conseguiu fintar um regime que lhe deixava um futuro muito mais sombrio. E, ao fazê-lo, deu a um povo mergulhado na ditadura a alegria de que tanto precisava (Pedro Filipe Soares, Bloco de Esquerda).

É assinalado, ainda, o papel social e político de Eusébio enquanto futebolista, relevante para dar visibilidade à situação de fascismo vivida em Portugal, para dar esperança de tempos melhores, para quebrar o isolamento social.

Se nós, portugueses, demos, noutros tempos, mundos ao mundo, Eusébio ajudou, e muito, a levar Portugal ao mundo, a todo o mundo, a todos os mundos, o que ganha ainda maior relevância se tivermos em conta que entre nós reinava, então, o “orgulhosamente sós” (José Luís Ferreira, deputado do Partido Os Verdes).

Com o seu talento, com a sua dedicação, com o seu carisma [...]

representou todo o povo português na vontade de “romper o isolamento” e de se afirmar no mundo (Pedro Passos Coelho, Primeiro Ministro).²⁴

Nestas mensagens que remetem para o contexto social e político dos tempos áureos do jogador, ainda que se aluda aos tempos difíceis do Estado Novo, da ditadura, da guerra colonial, do isolamento, não se refere o contexto colonial que proporciona a apropriação nacional de Eusébio, nem tão pouco se assinala o processo de patrimonialização pelo regime quando se afirma que “Eusébio é património de Estado”. As mensagens colocam Eusébio no “lado certo” da história, como se o seu desempenho futebolístico tivesse sido uma outra forma de afrontar o regime, ignorando polémicas sobre a neutralidade política do jogador.

e) Africanidade

No Portugal “orgulhosamente só” dos anos 60, Eusébio foi o primeiro negro a adquirir o estatuto de figura

pública. Rapidamente convertido em património nacional, a sua condição de moçambicano e africano foi sendo sonegada para o apresentar como Português, ainda que negro. Era essa condição que fazia dele um exemplo social e um argumento político. Por consequência, não estranha que, nas mensagens produzidas quando da sua morte, a africanidade de Eusébio quase não seja considerada. Assinalou-se o facto de ser um homem simples e bom, o melhor dos futebolistas, que representou Portugal, mas são escassas as referências ao facto de ter sido o mais importante dos futebolistas africanos. As poucas referências são feitas quase exclusivamente por africanos.

Kanimambo, Eusébio, por seres a minha fonte de inspiração. Deixei a nossa terra para seguir os teus passos. Até sempre, pantera moçambicana. (Armando Sá, ex-jogador do Benfica)²⁵

O Presidente da República de Moçambique, Armando Guebuza, ao fazer a exaltação de Eusébio, acentua as suas origens e de como daí partiu à conquista

²⁴ *Expresso*, 5 de janeiro de 2014 [url: <http://expresso.sapo.pt/desporto/um-genio-do-futebol-e-homem-generoso-destaca-passos-coelho=f848998>, consulta em 8 de janeiro de 2014].

²⁵ *A Bola*, 6 de janeiro de 2014.

ta do mundo. Não deixa de ser notório que nessa mensagem não é feita alusão a Portugal ou a qualquer entidade portuguesa.

Nascido no chão da nossa terra, a 25 de Janeiro de 1942, Eusébio da Silva Ferreira, com os seus pés nus, construiu, a partir da nacionalista, desportiva, poética, artística e multifacetada Mafalala uma carreira que viria a torná-lo uma referência incontornável na rica geração dos futebolistas moçambicanos e de outras partes do globo do seu tempo. [...] o Pantera Negra projectou o nome desta Pátria de Heróis à escala planetária. Ao mesmo tempo, demonstrou que, com auto-estima, determinação, criatividade e muito trabalho nós, moçambicanos, podemos realizar os nossos sonhos, transformando desafios em oportunidades. (Armando Guebuza, Presidente da República de Moçambique).²⁶

Nestas mensagens pode vislumbrar-se uma eventual tentativa de

apropriação da dimensão simbólica do jogador. Mafalala, Moçambique e África ocupam o lugar que em anteriores mensagens foi atribuído a Portugal. Ou seja, se Eusébio se constituiu como símbolo de Portugal, também não deixou de ser símbolo africano e moçambicano, ainda que estas dimensões tenham sido mitigadas ou simplesmente ignoradas nas mensagens proferidas pela generalidade dos portugueses.

Eusébio da Silva Ferreira, futebolista moçambicano que conheceu o auge da sua carreira militando no futebol português. [...] Este homem, transportando Moçambique no coração manifestou o desejo de ver o seu caixão coberto de três bandeiras distintas, a moçambicana, portuguesa e do Sport e Benfica. [...] O Presidente Afonso Dhlakama e o Partido RENAMO apresentam à Família do futebolista Eusébio da Silva Ferreira, aos moçambicanos e ao Sport Lisboa e Benfica as mais sentidas condolências. Estamos imensamente gratos pela prestação deste querido filho da nossa Pátria

Amada. (Afonso Dhlakama, Presidente da RENAMO).²⁷

É interessante a expressão de pesar do Presidente da República de Cabo Verde, que envia simultaneamente para os seus congéneres moçambicano e português, duas mensagens sensivelmente com o mesmo conteúdo, mas com ligeiros pormenores diferenciadores. Por exemplo, na mensagem dirigida ao Presidente Português assinala que:

Num mundo caracterizado por exacerbadas divisões de toda a ordem, Eusébio conseguiu ser um factor de união de dimensão quase universal, relativizando contingências como a cor da pele ou o local de nascimento, transformando-se num grande símbolo de Portugal e do mundo.

Contudo, na mensagem dirigida ao Presidente Moçambicano, em quase tudo idêntica à do homólogo português, omite o “grande símbolo de Portugal e

²⁶ In *A Bola* online [url: <http://www.abola.pt/nnh/ver.aspx?id=451321>, consulta a 7 de janeiro de 2014].

²⁷ Mensagem de 6 de janeiro de 2014 [url: <http://doczz.com.br/doc/486043/mensagem-de-condol%C3%A2ncias-pela-morte-do-eus%C3%A9bio-da>, 7 de janeiro de 2014].

do mundo”. Numa das mensagens dá os pésames a todos os moçambicanos, na outra a todos os portugueses. Estes pormenores revelam as suscetibilidades diplomáticas que a imagem de Eusébio ainda suscita, mesmo depois de falecido.

Conclusão: os futebolistas também morrem

Eusébio morreu! Eusébio, o *king*, o jogador que veio de Mafalala para Lisboa e se tornou campeão nacional, campeão europeu, que conquistou o país e o mundo, morreu em 1980 quando deixou de jogar, e foi a enterrar em 2014. Os jogadores de futebol morrem quando abandonam os relvados. Poderão depois ser qualquer outra coisa, e viverem até das memórias dos tempos de futebolistas, mas já não existem como tal. Foi o que aconteceu a Pelé e Maradona, que acontecerá a Ronaldo e Messi, e Eusébio não foi exceção.

Por muito que se queira fazer de Eusébio um ser transcendente, será sempre um homem comum, um moçambicano e português, como todos os outros. Essa espessura humana está presente numa das mais simbólicas imagens do futebol português, quando em 1966 abandona

em lágrimas o relvado de Wembley, após a derrota de Portugal com a Inglaterra. Muitas interpretações se fizeram sobre o simbolismo dessas lágrimas, mas, em primeira instância, esse é o choro de um homem simples que sabia jogar à bola. Quando questionado sobre não ter ganhado o Mundial, Eusébio diz: “Foi por isso que olhei para cima, que me caíram as lágrimas”.²⁸

Essa habilidade para jogar à bola converteu Eusébio no símbolo maior do “f” de Futebol, um dos “fs” da trilogia alienante do Estado Novo, a par dos “fs” de Fátima e Fado. Produto das circunstâncias, as lágrimas de Eusébio em Wembley, nessa tarde de 1966, não são simplesmente lágrimas. São também o sal de uma relação extractivista da metrópole para com as colónias. Um africano a chorar por Portugal é o exemplo ideal do luso-tropicalismo, o argumento perfeito para invocar um Portugal ultramarino. Como diz Galeano, “foi um africano de Moçambique o melhor jogador de toda a história de Portugal. Eusébio...” (Galeano, 2002, p. 139). Eusébio, um moçambicano por natureza, português por colonização, um

herói inusitado, não apenas pelo que fez enquanto futebolista, mas também pela sua vida de sucessivas ruturas biográficas, e pela forma como essa existência foi instrumentalizada enquanto argumento político-ideológico.

Na hora da morte de Eusébio falou-se do homem e jogador que foi, bem como da sua importância para o futebol e para o país. Pouco se falou de outras circunstâncias relevantes como sejam a sua condição de africano, a sua coexistência num regime fascista, a questão colonial. Estes também foram sempre temas aos quais Eusébio se esquivou. Estiveram latentes ao longo de toda a sua existência, mas com a discrição das circunstâncias, foram sendo escamoteados. Não estranha, pois, que todos aqueles que se pronunciaram nas mensagens de pesar tenham optado pela repetição das mesmas narrativas produzidas no seu período de glória. Esta situação não foi nova, havendo como que uma replicação do que havia sucedido em 1999, quando do falecimento de Amália Rodrigues, o símbolo maior do “f” de Fado. Também aí a exaltação da cantora aquando da sua morte foi uma etapa conducente à entronização com a transladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional.

²⁸ *Expresso*, 12 de novembro de 2011, p. 46.

O mesmo sucederia com Eusébio, com a transladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional em 2015, numa nova fórmula de patrimonialização de Estado.

Ser celebrado na morte como o foi em vida, recorrendo às mesmas adjetivações e metáforas, às mesmas referências e ausências discursivas, como havia sido feito cinquenta anos atrás, não causa surpresa. A sua espessura de herói constituiu-se ao longo da sua vida desportiva, fundamentando-se numa narrativa que lhe conferiu sentido e transcendência social. Repetida à exaustão, essa narrativa cristalizou-se, permanecendo inalterada desde os anos da glória, não estranhando que seja novamente reproduzida nas exéquias fúnebres. Contudo, a repetição dessa mesma narrativa pode revelar que o País, ao rever-se no que Eusébio representou, ainda que com algumas metamorfoses, mantém ainda a nostálgica fantasia de um tempo que passou.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Dean (2013). ‘National Heroes’: Sport and the Creation of Icons. *Sport in History*, 33(4), 584–594.
- Archetti, Eduardo (2001). The Spectacle of a Heroic Life. The Case of Diego Maradona, in Andrews, D e Jackson, S. (eds.) *Sports Stars*. London: Routledge.
- Carvalho, José Ricardo (2011). Desportista africano ou símbolo de uma nação europeia? – Media, desporto e guerra colonial nos anos 60. In Moisés L. Martins, Rosa Cabecinhas e Lurdes Macedo (eds.), *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2010: Lusofonia e Sociedade em Rede* (pp: 223-244). Coimbra: CECS/Grácio Editor.
- Castelo, Cláudia (2015). A mensagem lusotropical do colonialismo português tardio: o papel da propaganda e da censura. In Moisés L. Martins (ed), *Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia* (pp: 451-470). V. N. Famalicão: Edições Húmus.
- Coelho, João & Pinheiro, Francisco (2002). *A paixão do povo. História do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Galeano, Eduardo (2002). *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre: L&PM.
- Gammon, Sean (2014). Heroes as Heritage: the commoditization of sporting achievement. *Journal of Heritage Tourism*, 9 (3), 246-256.
- Lanfranchi, Pierre; Taylor, Matthew (2001). *Moving with the ball. The migration of professional footballers*. Oxford: Berg.
- Meneses, Maria Paula (2010). O “indígena” africano e o colono “europeu”: a construção da diferença por processos legais. *E-cadernos CES*, 7, 68-93.
- Reis, Carlos (2013). The Special One. Fenomenologia do herói desportivo. *Comunicação & Educação*, 18 (2), 63-74.
- Santos, Ana (2004). Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação. *Manifesto*, nº 6, 80-91.
- Santos, Boaventura de Sousa (2007). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.

Olimpismo

Olympism